



Centro Universitário de Brasília – UniCEUB
Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas – FATECS

RAFAELA LUIZA GARCÊZ NASCIMENTO

MEMORIAL DA REPORTAGEM: “O DIREITO AO GRITO DE SOCORRO”

BRASÍLIA
2019

RAFAELA LUIZA GARCÊZ NASCIMENTO

MEMORIAL DA REPORTAGEM: “O DIREITO AO GRITO DE SOCORRO”

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, como requisito para obtenção ao grau de Bacharel em Jornalismo no Centro Universitário de Brasília - UniCEUB.

Professor Orientador: Luiz Cláudio
Ferreira

BRASÍLIA
2019

RAFAELA LUIZA GARCÊZ NASCIMENTO

MEMORIAL DA REPORTAGEM: “O DIREITO AO GRITO DE SOCORRO”

Trabalho de conclusão de curso (TCC)
apresentado à Faculdade de Tecnologia e
Ciências Sociais Aplicadas, como requisito
para obtenção ao grau de Bacharel em
Jornalismo no Centro Universitário de
Brasília - UniCEUB.

BRASÍLIA, 12 DE JUNHO DE 2019

BANCA EXAMINADORA

Professor Me. Luiz Cláudio Ferreira
Orientador

Professor(a) Examinador(a)

Professor(a) Examinador(a)

Dedico esta reportagem a todas as pessoas que ao longo de sua trajetória foram invisibilizadas e a quem mais se identificar com uma história de angústia e solidão.

Rafaela Garcêz

*“Enquanto eu tiver perguntas e não houver
resposta continuarei a escrever”*

Clarice Lispector

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, o eterno criador que me deu forças ao longo da minha trajetória e que me sustentou quando ninguém mais conseguiu. Expresso minha gratidão também a minha família, minha mãe a quem puxei tanto e sinto um amor capaz de tudo, aquela que nunca me desamparou e enxugou todas as minhas lágrimas, não apenas me colocou no mundo, mas me ensinou como sobreviver nele. Ao meu pai que com sua maneira de me amar me ensinou o valor que existe na educação e me apoiou tantas e tantas vezes. Agradeço também aos meus irmãos que sempre acreditaram em mim e minha querida avó, que ao saber que escolhi o jornalismo espera ansiosamente por me ver na televisão.

Além disso, agradeço também aos meus amigos que se fizeram verdadeiros irmãos nos meus momentos de dificuldade. Não poderia deixar de citar o exímio professor Luiz Cláudio, que além de um excelente mestre se tornou um amigo, a quem pode se recorrer em momentos de dúvida e aflição, pois além de ser um visionário do jornalismo é também uma grande pessoa. Ademais, sou grata aos meus colegas que se fizeram presentes e me impulsionaram ao longo da minha aventura universitária.

Agradeço também a querida Tânia Freitas, que me auxiliou ao encontrar a Macabéa perfeita, e que se mostrou tão paciente e receptiva sem receber nada em troca.

Por último e não menos importante expresso eterna gratidão a Maria de Socorro Nunes Leite, personagem da vida real que me emprestou sua história tão simples e rica ao mesmo tempo. Ela é a representação da mulher nordestina que não desiste, mas se torna um símbolo diário de resistência.

RESUMO

Este memorial apresenta o processo de produção e apuração de um perfil jornalístico sobre Maria do Socorro Nunes Leite, mulher nordestina, mãe e guerreira que possui semelhanças com a personagem Macabéa da obra *A hora da estrela* (1977) de Clarice Lispector. O produto jornalístico procurou estabelecer conexões entre o real e o ficcional ao utilizar de elementos do jornalismo literário e perfil. Durante a construção do material foi priorizada uma visão interpretativa quanto à personagem e utilizar de temas da obra que serviu de inspiração a fim de mergulhar o leitor no universo Lispectoriano. Neste memorial, foram feitas observações sobre a reportagem e a sua evolução até a “grande reportagem” como gêneros, também foram apresentados as principais concepções acerca do jornalismo literário, perfil jornalístico e a construção enigmática de Clarice Lispector e seu processo de escrita. Buscou-se também explorar as características norteadoras de *A hora da estrela* e a importância do livro na literatura moderna. Por fim, procurou estabelecer a importância do webjornalismo em matérias aprofundadas.

Palavras-chave: Jornalismo Literário. Clarice Lispector. Grande Reportagem. Perfil

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 Como o jornalismo passou a perceber Macabéas	11
1.1 A grande reportagem na internet	14
2 Jornalismo Literário	16
3 O personagem no jornalismo	18
4 No coração de Clarice Lispector	21
4.1 A hora da estrela	22
5 A apuração	25
5.1 Diário de bordo	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	30
ANEXO A - Reportagem	32

INTRODUÇÃO

Quem nunca sonhou escrever um livro? Motta (2008) diz que escrevemos para sobreviver. No jornalismo, a reportagem é o gênero da profundidade, enquanto que a notícia é apenas o fundamental. Neste memorial, busca-se definir o percurso para encontrar o nexo de uma reportagem que criasse uma fusão entre uma célebre personagem da literatura (a Macabéa, de *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector) e as personagens não fictícias, aquelas que são invisibilizadas pela sociedade e pela mídia. A história deste memorial é da busca por uma Macabéa. Não foi encontrada. Achamos o grito de Socorro.

O produto pretendeu a partir de uma narrativa real construir uma “grande reportagem” intitulada de *O direito ao grito de Socorro* a partir da personagem Maria do Socorro Nunes, de 66 anos, utilizando elementos do jornalismo literário, jornalismo interpretativo e perfil jornalístico. Além disso, foram utilizadas conceituações do gênero de grande reportagem como embasamento.

O produto final buscou entrelaçar subgêneros do jornalismo diversional a fim de relatar as curiosidades e semelhanças entre a personagem da vida real, Maria do Socorro e Macabéa, personagem fictícia de Clarice Lispector. Os objetivos se deram principalmente por tentar imergir o leitor no universo criado por Clarice em *A Hora da Estrela* e posteriormente se encantar com a história de Maria do Socorro.

A reportagem foi inspirada principalmente pela obra *A hora da estrela*, publicado em 1977, da escritora e jornalista Clarice Lispector. O livro conta a trajetória de Macabéa, alagoana que procura sustento no Rio de Janeiro e propõe uma imersão na vida simples, porém complexa de Macabéa, personagem fictício, mas que encontra morada em milhares de nordestinas. A autora utiliza de um pseudônimo para o narrador, Rodrigo S.M, mas depois se revela como autora. A escolha de utilizar falso nome segundo Clarice foi porque “escritora mulher pode lacrimejar piegas”.

A escolha do tema se deu pela necessidade de compreender melhor as técnicas jornalísticas não factuais e a amplitude que possibilitam ao autor. Dessa forma, o foco inicial não era o de denunciar, ainda que existam problemas a serem refletidos, mas de contemplação de um perfil que permite tantas interpretações sobre a vida cotidiana.

O perfil jornalístico, sobretudo, pretende realizar uma escrita humanizada e com aprofundamento de uma trajetória humana específica. Para Silva (2010) no perfil jornalístico, destacam-se três pontos principais: a elaboração da narrativa com o foco nos personagens, a construção do texto embasada em uma pauta forte e, por último, inserir o cotidiano social.

Logo, no que diz respeito à arte de contar histórias dentro do jornalismo, é necessário prezar pela exposição, complicação (do enredo) e resolução de conflitos. Diante do fato de elaborar uma narrativa completa o maior compromisso se dá com a cidadania, tornando histórias de vidas em textos complexos e completos.

Ao tratar do personagem como centro da narrativa, é importante destacar que a fonte, neste caso, é o “fio condutor” da matéria. E ao contar a história de alguém, para Coimbra (2002), demarca-se o personagem pela sua fala, idade, profissão, posição social ou região geográfica. E, assim, ao traçar um perfil jornalístico é importante que o repórter se preocupe com o destaque pleno da pessoa, desvendar sua ideologia e eliminar os pressupostos que advêm do jornalismo informativo, dando subjetividade e complexidade ao personagem.

A ideia do produto é dar luz à personagem principal da reportagem ao utilizar elementos do perfil destacando assim seus maiores momentos, medos, inseguranças e percalços. O grande desafio aqui proposto foi o de relacionar a vivência real de Maria do Socorro, moradora do Alagado da Suzana, pequena comunidade nas aproximações do Gama, região administrativa do Distrito Federal. Socorro é nascida em Alto Parnaíba (MA).

É relevante destacar que o gênero de perfil jornalístico se relaciona com o jornalismo interpretativo. Assim, é necessário citar que a grande reportagem em questão busca relatar de forma ampla os fatos, atribuindo sentidos a eles. Segundo Leandro e Medina (1973) as reportagens interpretativas alicerçam-se sobre três valores: o de articular, ou seja, reunir todas as possíveis informações que se atrelam ao fato principal, valorizar o ser humano e por último aproximar a informação jornalística à informação científica, trazendo assim um suporte intelectual. E dentro desse contexto jornalístico cabe elementos como aprofundamento, antecedentes, contextualização e humanização.

Da mesma forma, durante a realização da apuração e do ato de escrever foram destacados os antecedentes da personagem, a contextualização para os dias

de hoje e a personificação de Socorro como alguém que partilha características semelhantes com Macabéa.

A reportagem foi publicada em meio on-line de forma a dar dinamismo para o conteúdo, concentrando-se em características do webjornalismo. Para Salaverría (2014) a comunicação humana é multimídia. Assim é proposto que o produto trabalhe não somente com texto, mas fotos e vídeos e ainda destacando a ação multimídia como uma combinação de linguagens. Ainda segundo o autor, existem critérios de composição que impõem que os produtos multimídias estejam interligados, no sentido de evitar a competição entre eles e de, por outro lado, oferecer um resultado positivo e coordenado.

O webjornalismo potencializa as opções do gênero interpretativo, que para Beltrão (1976) se apoia no oferecimento, com profundidade, das informações e do contexto onde elas se inserem de maneira que o leitor seja capaz de analisar, opinar e interpretar. O jornalismo se intensifica principalmente a partir de uma escrita interpretativa e detalhada, diante disso as amarras do factual não prendem mais o profissional de comunicação como antes, já que este encontrou maneiras para fugir da mesmice das redações nas linhas literárias.

O memorial da reportagem está dividido em quatro capítulos. O primeiro discorre sobre o que é a reportagem e como se transformou no gênero da profundidade. O segundo trata do jornalismo literário e suas principais vertentes, já o terceiro introduz o perfil jornalístico e a valorização do personagem. O quarto explica a trajetória de Clarice Lispector quanto autora e jornalista, e descreve a obra *A Hora da Estrela*, o último capítulo especifica as características da apuração jornalística e relata o diário de bordo seguido para a realização da reportagem.

O produto final pode ser acessado pelo link: <https://rafaelaluizagarcez.wixsite.com/ogritodesocorro> ou pelo QR code abaixo.



1 Como o jornalismo passou a perceber Macabéas

O jornalismo surgiu como um movimento publicista que permitia difundir as ideias burguesas em folhetins e jornais, em que o principal interesse era de registrar fatos cotidianos da classe alta e média.

Foi então que, a partir do século XIX, o jornalismo se estabeleceu como um formato. O gênero sofreu mudanças correlacionadas à revolução industrial. Lage exemplifica a época como uma transição significativa para a profissão. “Foi necessário mudar progressivamente o estilo das matérias que os jornais publicavam. A retórica do jornalismo publicista era impenetrável para os novos leitores, herdeiros de uma tradição de cultura popular muito mais objetiva.” (LAGE, 2001. p.13).

A valorização da divulgação dos fatos ganhou força e estabeleceu a construção de notícias. Surgiu, então, um cenário em que os jornalistas agora se preocupavam com os títulos, uma escrita completa e os furos de reportagem. Essas exigências dariam ao leitor uma espécie de fidelidade ao jornal e posteriormente estabeleceu o jornalismo como técnica.

O objeto do jornalismo é a atualidade de interesse abrangente, que se projeta dos limites espaciais em que se origina para atingir vastos círculos de pessoas e instituições que, sem o seu conhecimento, seriam alvos indefesos e inadvertidos dos efeitos da ação desencadeada, quer lhes fossem, ou não benefícios (BELTRÃO, 1976, p.11).

A ação de informar perpassa por períodos em que a publicidade falava mais alto que o fato em si, o que tornou necessário mudanças. Os repórteres começaram a ganhar reconhecimento e a reportagem agora possui novas barreiras. “Entre o fato e a versão jornalística que se divulga, há todo um processo de percepção e interpretação que é a essência da atividade dos jornalistas” (LAGE, 2001, p.53).

Durante a evolução do ato de informar, as principais diferenças começam a se estabelecer entre notícia e reportagem. A primeira diz respeito ao momento presente, ao factual, a um conteúdo mais simplista com as informações necessárias

para situar o leitor de maneira, em sua maioria, superficial. Já a reportagem se dá por um trabalho em que o jornalista precisa dar informações suficientes para que o leitor seja capaz de entender não somente o fato, mas as circunstâncias que o perpassam e possíveis desdobramentos, é um trabalho realizado de maneira ampla e até mesmo contínua.

Por isso, visando atender a necessidade de ampliar os fatos, de colocar para o receptor a compreensão de maior alcance, é que o jornalismo acabou por desenvolver a modalidade de mensagem jornalística batizada de reportagem. É a ampliação do relato simples, raso, para uma dimensão contextual. Em especial, esse patamar de maior amplitude é alcançado quando se pratica a grande reportagem, aquela que possibilita um mergulho de fôlego nos fatos e em seu contexto, oferecendo, a seu autor ou a seus autores, uma dose ponderável de liberdade para escapar aos grilhões normalmente impostos pela fórmula convencional do tratamento da notícia, como o lead e as pirâmides já mencionadas. (BELTRÃO, 2011, p. 18).

Com a profissionalização da atividade, foram estabelecidos normas e padrões para textos jornalísticos, quais perguntas se deve responder, de que forma elas devem ser expostas e onde são colocadas. Alguns termos e regras foram de extrema importância para tratar com objetividade os fatos noticiosos do dia-a-dia, porém ao mesmo tempo limitou os profissionais jornalistas a respeito do que se deve ou não fazer. Um exemplo de demarcação prática do jornalismo é o lide, primeiro parágrafo do texto jornalístico, em que se devem responder as perguntas centrais de um acontecimento logo no primeiro parágrafo, sendo elas: o quê, quem, quando, onde, como e por que de uma notícia. O dia a dia da redação e muitas vezes a falta de incentivo, tanto financeiro quanto profissional, muitas vezes, enjaularam o profissional jornalista a redigir notícias quase que de maneira automática.

Segundo Vicchiatti (2005) a literatura e o jornalismo são territórios que se diferem, mas não se separam por barreiras intransponíveis. Para ele os limites são tênues entre as duas áreas, o que permite troca de conhecimentos. Ambos possuem características próprias e bem marcadas, mas caminham paralelas.

Os dois são práticas representativas do real, mas cada um com seu olhar diferenciado. Enquanto o jornalismo busca uma interpretação fiel do mundo, a literatura usa da ficcionalidade para criar um mundo independente, com seres, figuras e objetos retirados de uma (ou várias) visão da realidade, mas sem compromisso com o mundo factual ou empírico. (Sales, 2011, p.326).

Além de elementos de escrita e escolha de personagens, existem limites em ambas as narrativas. Um exemplo disso é contemporaneidade que é um atributo essencial do jornalismo, mas não da literatura.

Diante das principais diferenças estabelecidas entre reportagem e notícia, Lage demonstra o ato de reportar como o eixo condutor de tudo.

A arte de você partir a campo para o mundo, vivenciar uma situação, testemunhar acontecimentos, interagir com pessoas imersas nas suas circunstâncias particulares de vida e de seu momento histórico, dar significado à realidade que você constata e expressar tudo isso, num texto, com vivacidade, vigor, valor estético e validade. (LAGE, 2009, p.15).

A partir de novas técnicas estabelecidas em redações ao redor do mundo, correntes comunicacionais contemporâneas como o *new journalism* surgiram e impulsionaram os profissionais a um novo patamar nunca antes alcançado. A técnica foi criada em 1956 pelo jornalista norte-americano Truman Capote ao redigir um perfil jornalístico de ator Marlon Brando para a revista *New Yorker*, o objetivo do autor era dar asas literárias ao jornalista, este que agora se insere no contexto da reportagem.

Para Wolfe, o *New Journalism* era uma espécie de excitação artística no jornalismo.

Essa descoberta, modesta no início, consistia em tornar possível, um jornalismo que fosse lido como uma novela. Nos anos 60, essa forma narrativa ultrapassou os limites convencionais do jornalismo, mas não simplesmente no que se refere à técnica. A forma de recolher o material era muito mais ambiciosa. (WOLFE, 2004, p.40).

Já segundo Lage (2008), um dos pontos principais do movimento novo jornalismo é a carpintaria literária que trata de utilizar técnicas de valorização de detalhes expressivos, o monólogo interior ou ainda a estrutura em que uma situação de equilíbrio é alterada por um fato que conduz a outros.

E foi assim que a reportagem se amplificou até o sentido de narrativa, sendo o repórter o narrador, e futuramente o editor, que dá as cartas, ou seja, que elucida os fatos, os organiza e atribui sentido a eles, sendo estes percebidos ou não pelo receptor. E em evolução encontrou novas possibilidades se destacando como um

produto lapidado e não superficial. O estilo de grande reportagem encontrou morada no gênero interpretativo, conforme preconizado por Beltrão (1977) e conduz o profissional a um novo tipo de apuração e escrita.

Para Medina (2004), uma das precursoras do gênero de grande reportagem no Brasil em entrevista concedida a Edvaldo Pereira Lima a reportagem é a forma de maior aprofundamento possível da informação social. “É a pluralidade de vozes e a pluralidade de significados sobre o real que fazem com que a reportagem se torne um instrumento de expansão e instrumentação plena da democracia, uma vez que a democracia é polifônica e polissêmica” (MEDINA apud. Lima, 2004, p.23).

1.1 A grande reportagem na internet

Jornais impressos ao redor do mundo precisaram se reinventar com a terceira maior mudança nas tecnologias de massa dos tempos modernos. “A terceira transformação na mídia de massa, envolve uma transição para a produção, armazenagem e distribuição de informação e entretenimento estruturadas em computadores” (DIZARD, 2000, p.54-55).

Ao longo do que as evoluções tecnológicas permitiam, o conceito de webjornalismo se estabeleceu de maneira muito mais complexa com a utilização de hiperlinks, produtos multimídias, conceitos de interatividade, personalização e outras técnicas estabelecidas para o leitor internauta.

A flexibilidade dos meios online permite organizar as informações de acordo com as diversas estruturas hipertextuais. Cada informação, de acordo com as suas peculiaridades e os elementos multimídia disponíveis, exige uma estrutura própria. (SALAVERRIA, 2005, 108).

Embora os meios de propagação de produtos jornalísticos tenham mudado, técnicas utilizadas no impresso migraram para o online sem alterações, o que resulta em um não aproveitamento das opções que a internet proporciona. Existia muito o que ser reaproveitado dos anos de experiência tais como elementos textuais que trazem coesão ao texto, o lide e outras métodos centenários do jornalismo, porém era necessário estudar formas de utilizar as plataformas online em todas as suas possibilidades.

Autores como Salaverria (2005) reconhecem a pirâmide invertida como uma técnica que limita gêneros mais aprofundados do jornalismo “Usar a técnica da

pirâmide invertida na web é cercear o webjornalismo de uma das suas potencialidades mais interessantes: a adopção de uma arquitectura noticiosa aberta e de livre navegação” (CANAVILHAS, 2007, p.30).

Sendo assim, novos horizontes surgem no jornalismo online que permitem a elaboração de um conteúdo ainda mais estruturado e detalhista, de forma que envolva o leitor em um relato profundo. Aquilo que se limita no papel ganha asas em plataformas tecnológicas.

Baseado na liberdade de criação que a internet proporciona, seria propício que o produto final fosse elaborado no meio online. Outro fator contribuinte é o critério de democratização da informação que permite com que a informação chegue a um número maior de leitores. Todos esses motivos contribuíram para a escolha da plataforma.

2 Jornalismo literário

Na reportagem apresentada como TCC, em que há elementos do jornalismo literário, é importante ressaltar como esse gênero surgiu e suas prerrogativas. Durante os anos 1960 e 1970, o jornalismo diversional e interpretativo obtiveram grande repercussão e espaço nos meios de comunicação. Logo após, em meados dos anos 1980 perderam o que haviam conquistado e só nos anos 90 retornaram.

A partir de uma mudança tão significativa no jornalismo, com a digitalização e reconfiguração de leitura diária, esses gêneros precisaram encontrar lugar novamente. Uma forma de fazer isto foi através dos livros reportagens. Autores influentes em meados de 1980 não consideravam o jornalismo interpretativo e diversional como uma categoria válida, entendiam que a principal premissa do “fazer jornalístico” era informar e não entreter.

Porém, para Sóster e Piccinin (2010), as características desse tipo de texto estabelecem-se como do gênero interpretativo, que é aquele que visa a evidenciar o posicionamento do autor do texto e trata os fatos com maior profundidade e como o diversional, em que se utiliza de propriedades literárias ao construir os relatos, misturando assim duas técnicas diferentes.

Essa pode ser considerada uma forma de sobrevivência no jornalismo, já que estimula ao leitor a necessidade de entender não somente o fato, mas romper o automatismo e criar opiniões e ideias.

A escolha da elaboração de “O direito ao grito de Socorro” se basear em características do jornalismo interpretativo se dá principalmente pela liberdade que é dada ao autor do texto. Ao se tratar de um tema que vai de encontro a todo momento a obra literária *A Hora da Estrela* de Clarice Lispector foi necessário encontrar meios de convergência entre o real e o fictício, estabelecer seus limites e explorá-los ao máximo. A personagem Macabéa precisava ser vista no rosto de Socorro, tal ato não seria possível nas superficialidades noticiosas. Embora o

narrador precise se afastar para dar ao personagem destaque este também tem um papel importante no que diz respeito a conduzir o texto.

Para Pena (2013), este modelo se divide em sete principais características que ele alude a uma estrela de sete características: potencializar os recursos do jornalismo, que se trata de utilizar regras convencionadas para incrementar o produto final, como apuração rigorosa e abordagem ética. A segunda característica se trata de ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano, isso desprende o profissional da pressão imediatista que as notícias possuem. A terceira é proporcionar uma visão ampla da realidade, que se materializa pela mistura de fatos, abordagens e espaços temporais. A quarta particularidade é o exercício da cidadania, que se baseia no compromisso do profissional com a sociedade. A quinta propriedade é romper com amarras do lide, o que previne a robotização e padronização dos textos. A penúltima propõe evitar os definidores primários, que são as fontes convencionais. E por último, o produto final não pode ser efêmero ou superficial, pois o objetivo é sua durabilidade, ou seja, a permanência na mente das pessoas. Por fim, o autor destaca que o jornalismo literário é amplo, estas características foram usadas como norteadores a serem seguidos para a elaboração da reportagem *A hora da estrela*.

Os principais objetivos utilizados na construção desta grande reportagem fora utilizar de elementos do jornalismo interpretativo como norte para a construção de uma narrativa não somente emocionante que foge da superficialidade, mas dar ao leitor a oportunidade de compreender significados atribuídos à personagem ao longo do texto.

Beltrão estabelece este novo estilo como um jornalismo que oferece todos os elementos da realidade com a finalidade de que a massa interprete.

O que busca o jornalismo interpretativo? Busca não deixar a audiência desprovida de meios para compreender o seu tempo, as causas e origens dos fenômenos que presencia, suas consequências no futuro. Vai fundamentar sua leitura da realidade na elucidação dos aspectos que em princípio não estão muito claros. (BELTRÃO, 1976, pp. 19-20).

Por isso, a principal preocupação do estilo interpretativo é entregar o que há disponível para o receptor, estabelece uma liberdade a fim de que ele escolha o que fazer ou não com a informação que lhe foi dada.

3 O personagem no jornalismo

Para Vilas Boas (2003) o perfil jornalístico, que está inserido no gênero interpretativo, é formado por memória, espaço, circunstância e interação. Segundo ele necessário tratar o perfil como uma verdadeira arte, aprofundar o personagem e mostrar suas diversas facetas. É a ideia de trazer o eu verdadeiro do entrevistado. “Em um perfil, tanto a pesquisa quanto a narração implicam um sentir, e sentir é envolver-se” (Boas, 2003, p. 14).

A partir da proposta de se construir um perfil jornalístico que se entrelaçasse com o universo criado por Clarice Lispector em *A Hora da Estrela* era necessário enxergar Macabéa com um olhar analítico e perceber as características que a tornam uma personagem tão enigmática. Ela é uma moça alagoana, que se muda para o Rio de Janeiro e teve que aprender a viver sozinha, já que perdeu os pais muito nova e tinha apenas uma tia beata que não era de grande ajuda. Diante disso, ela se torna uma datilógrafa que vive a se desculpar, já que erra algumas vezes no trabalho e até mesmo é demitida, mas o chefe volta atrás ao perceber a alma simples de Macabéa. Ela é uma personagem que demonstra todas as angustias dos seres humanos, é curiosa e adora as coisas pequena da vida, como seu lanche diário de cachorro quente com refrigerante e o radinho que a ensina tantas coisas novas.

E assim como Macabéa de Clarice Lispector, Maria do Socorro se faz um personagem que aparenta simplicidade e, ainda que não detalhe fatos, traz uma riqueza de valores em suas vivências. Além disso, é nordestina como a personagem principal de *A Hora da Estrela* e carrega muitas semelhanças quanto a forma de encarar a vida, o principal objetivo ao fazer um perfil foi encontrar essas intersecções e estabelecer conexões entre elas para que o leitor compreendesse o paralelo entre a ficção e o real.

O produto jornalístico conhecido como perfil se iniciou nos Estados Unidos com a propaganda de indivíduos notórios, a fim de se promoverem. Após o ciclo da informação dada a todo custo, desde que seja com velocidade e boa apuração os pesquisadores começaram a se interessar pela escrita mais humanizada e com aprofundamento.

No perfil jornalístico Tenório (2010) destaca em seu artigo três pontos principais: a elaboração da narrativa com o foco nos personagens, a construção do texto embasada em uma pauta forte e por último inserir o cotidiano social.

No que diz respeito a arte de contar histórias dentro do jornalismo é necessário prezar pela exposição, complicação e resolução. Diante do fato de elaborar uma narrativa completa o maior compromisso se dá com a cidadania, tornando histórias de vidas em textos complexos e completos.

Ao tratar do personagem como centro da narrativa, é importante destacar que a fonte, neste caso, é o “fio condutor” da matéria. E ao contar a história de alguém, para Oswaldo Coimbra, se demarca o personagem pela sua fala, idade, profissão, posição social ou região geográfica.

E assim, ao traçar um perfil jornalístico é de extrema importância que o repórter se preocupe com o destaque pleno da pessoa, desvendar sua ideologia e eliminar os pressupostos que advém do jornalismo informativo, dando subjetividade e complexidade ao personagem.

Quando o entrevistado relata sua trajetória é necessário que o autor tenha a consciência de interpretar os fatos e adicionar esses aspectos únicos na escrita. “O jornalista explora o detalhe e se vale de sua percepção para compor um quadro verbal leve e criativo a respeito do lugar ou pessoa retratada” (NASCIMENTO, 2009 p. 97).

Para Lobato (2018), a literatura e o jornalismo flertam quanto aos gêneros de cada um. Pode-se estabelecer semelhanças principalmente entre a crônica e a grande reportagem e a biografia e o perfil jornalístico.

A primeira comparação estabelece-se de forma que a crônica, esta que oferece uma “narração do cotidiano, a partir da observação, crítica e análise de elementos do ambiente circundante do cronista, oscilando entre a linguagem emotiva, a descrição de costumes, a interpretação de dados e a exposição de uma tese ou argumento.” (LOBATO, 2018) dessa forma há uma conexão com o cotidiano

e problemas sociais de maneira aprofundada, assim como a grande reportagem que permite ao leitor o ato de analisar.

A apresentação de dados factuais, mesmo em um texto profundamente impressionista; a presença de um responsável pela coleta de dados que se coloca ativamente no texto, como personagem e narrador a um só tempo; a descrição dos tipos sociais e dos ambientes; a menção a espaços urbanos concretos; e, sobretudo, a interpretação contextual de um fato a partir de histórias de vida. (LOBATO, 2018, p.151).

A segunda analogia se baseia entre a relação da biografia e o perfil jornalístico. A biografia narra a vivência de alguém e precisa estabelecer as dimensões importantes de sua trajetória.

Centrada num indivíduo ou em vários, a biografia supõe que “a vida em toda sua amplitude guarda um potencial de conhecimento e explicação da sociedade”. Posição similar ao do gênero épico, que expressa, mais que outros gêneros literários, a amplitude e a complexidade das relações sociais envolvidas na narrativa (OLIVEIRA, 2010, p. 26-27).

Essas semelhanças permitem ao autor jornalista romper com os grilhões estabelecidos e encontrar no perfil jornalístico e na grande reportagem elementos subsidiados na literatura com a biografia e a crônica. O propósito ao perfilar Maria do Socorro, sobretudo, foi o de dar voz a uma mulher que representa uma categoria tão invisibilizada na sociedade e ao mesmo tempo trazer elementos que comprovem que a solidão, a angústia e o desamparo de Macabéa e Socorro podem se traduzir também no coração do leitor. A intenção é que quem leia o texto se veja nele ainda que não tenha vivido o que a perfilada viveu, essa é uma das maiores características literárias emprestadas ao jornalismo: a de se projetar no outro.

4 No coração de Clarice Lispector

Clarice Lispector é escritora e jornalista, nasceu em Podólia, região do sudoeste da Ucrânia mas foi naturalizada brasileira. Em 1940 publicou, em uma revista, o primeiro texto "Eu e Jimmy", um conto de cunho feminista que já mostrava os assuntos preferidos da autora.

A garota que passou grande parte da infância e adolescência em Recife encontrou nos livros algo que nunca tinha experimentado antes e decidiu ser autora aos 13 anos. Em 1993 Clarice Lispector decidiu se tornar escritora. Aos 15 anos de idade foi para a cidade do Rio de Janeiro e descobriu novas possibilidades.

Em meados da década de 1950, Clarice cresceu na imprensa carioca através de contos e colunas femininas escritas sob pseudônimos. Ela era conhecida pela escrita intimista e críticas duras ao período político da época, marcado pelo governo de Getúlio Vargas. Foi na redação que Clarice encontrou o espaço propício para se expressar, utilizando de nomes como Tereza, Ilka e Helen. Por meio de seus textos contribuiu para rediscutir o papel feminino na sociedade, Clarice tentou continuamente romper com os estereótipos criados acerca da mulher.

Em outras palavras, os textos de Clarice, mesmo sutilmente, representam uma realidade ambivalente que permeia a vida humana: o mundo do cotidiano, do real e da simulação e o mundo do pensamento, das verdades, da sensibilidade, da natureza das coisas. (RIBEIRO, 2010. p.115).

Além de seu destaque no jornalismo, a escritora modernista possui grande prestígio na literatura. Ela foi autora de diversas obras entre romances, contos, livros infantis e crônicas.

Clarice Lispector era considerada um avanço para a época, em que mulheres quase não tinham espaço na mídia convencional, ela se tornou uma das exceções. Não existiam limites para a escritora que falava desde de estilo de vida a política, ela floresceu no jornalismo mas abriu asas para a literatura.

Suas obras também tratavam de assuntos relativos ao eu humano, o

indivíduo e seus questionamentos e a psicologia que o cerca. Dentre suas publicações *A Hora da Estrela* de 1977 foi o penúltimo livro publicado antes de sua morte e é o único romance de cunho social.

4.1 A hora da estrela

De autoria de Clarice Lispector, *A Hora da Estrela* é um romance intimista de 1977 que narra a trajetória de Macabéa, uma jovem de 19 anos, alagoana que se sustenta na cidade de Rio de Janeiro.

Macabéa ainda que jovem traz consigo marcas de uma infância conturbada, já que perdeu os pais muito nova e ficou dependente de uma tia beata que não a compreendia, não conversava e só se dirigia à garota para repreendê-la por algo.

A alagoana cresceu neste cenário, desprovida de atenção e amor e diante disso se tornou uma pessoa muito simples que mesmo sem compreender tudo que a cercava amava a vida como ela era. A tia a levou para o Rio de Janeiro a fim de tentar a vida e assim a garota se tornou datilógrafa e passou a morar com mais quatro amigas em um pequeno apartamento. Embora a vida não fosse fácil Macabéa nunca reclamava. Ela adorava o rádio e mesmo sem entender tudo que ouvia julgava ser informações muito importante, por isso guardava na mente por mais aleatórias que fossem.

Ao entender assim que por mais que personagem seja um ser fictício, uma criação literária da fantasia, ela representa seres da vida existencial, retratando, manifestando através dessa personagem manifestações existenciais, ou seja, se baseando antes de mais nada no tipo de relação existente entre o ser existencial e o ser fictício, para que através da personagem seja concretizado o ser real. (CAZÉ, 2006. p.6).

Simple de vida e de alma a personagem encontra felicidade nas pequenas coisas da vida, o seu almoço era sempre o mesmo, cachorro-quente e refrigerante. Ela era muito franzina e sem muita beleza evidente no rosto, mas encontrou um namorado, Olímpico, também nordestino e apesar de não ver muita graça na moça lhe deu uma chance.

Olímpico estava constantemente empenhado em dizer à Macabéa sobre suas estranhezas e até mesmo o quanto o nome dela era feio. A verdade é que ela não se importava muito. Durante o relacionamento simplista dos dois Olímpico viu em

Glória, amiga de Macabéa, aquilo que sempre procurou numa mulher, ela que era cheia de curvas, loira e falava bonito chamou a atenção do nordestino itinerante que logo largou “Maca” por sua amiga.

A datilógrafa se entristeceu com o término do relacionamento, mas também não se questionava muito. É então que ela decide se consultar com uma vidente que revela um futuro cheio de esperança, Macabéa que adorava o cinema e sonhava em ser uma estrela ouviu pela primeira vez que se tornaria uma. A adivinha encheu o coração da alagoana de expectativas. Maca estava ansiosa pelo futuro que a esperava, quando saiu da consulta com a cartomante e é atropelada, ironicamente por um carro de luxo que carrega consigo um símbolo de estrela. Aquele foi o primeiro momento de sua vida em que era definitivamente o centro das atenções, no fim de tudo ela se tornou uma estrela.

As personagens não são seres excepcionais, antes são pessoas comuns, vivendo em um mundo, por assim dizer, mágico; mas de uma magia diferente, clariceana, feita de enigmas e perplexidades - uma magia nascida da exacerbação da palavra. (GULLAR, 2007, p.34).

O enredo revela muito sobre os anseios da vida humana e como a personagem principal carrega consigo uma vivência tão trágica. Clarice Lispector envolve o leitor através do narrador, intitulado de Rodrigo S.M., que percebe Macabéa como alguém muito especial, ele vê a dor da nordestina embora ela mesma não veja e conta a história dela com muito pesar. O narrador não consegue encontrar nem mesmo as palavras corretas para tratar Macabéa.

O livro é rico em detalhes e descreve a personagem principal como muito simples por isso ela mesma a contar sua história não seria o suficiente para entregar as amarguras de sua alma, para isso existe Rodrigo, que é escritor e precisa escrever sobre Macabéa, pois é seu meio de defesa, ele precisa falar sobre a alagoana que não tem consciência de si mesma para completar a própria existência. Clarice se concentrou em registrar o cotidiano de Macabéa e suas particularidades, criando como substantivo coletivo a moça alagoana. “Muita da fama subsequente de Clarice Lispector, sua duradoura popularidade junto a um público amplo, repousa nesse livrinho, no qual ela conseguiu juntar todos os fios de sua escrita e de sua vida.” (MOSER, 2009, p.532)

A escolha da obra “A hora da estrela” para inspiração desta reportagem se deu pela necessidade de uma narrativa que ainda que de crítica social, transcreva os personagens com profundidade de existência. Macabéa é uma personalidade

enigmática, ela descreve o dia a dia de todas as pessoas. A protagonista não exprime um estereótipo, mas questiona as angústias e ansiedades que existem em todos nós.

Diante disso, o objetivo era encontrar Macabéas da vida real, onde elas moram, como se chamam e como vivem. Porém, durante a apuração, conheci Maria do Socorro do Alagado da Suzana que se adapta tão bem aos moldes da personagem estrela de Clarice Lispector que não seria necessário encontrar mais ninguém, pois surge então a primordialidade de perfilá-la.

5 A apuração

A apuração é um elemento chave do jornalismo, em que a pauta se torna realidade. Dessa forma é necessário tornar o processo com muita seriedade, as expectativas do repórter são colocadas a prova neste momento. As oportunidades para encontrar o(s) personagem(ns) ideal, a necessidade do embasamento na fala de especialistas, a condução da entrevista e a decisão de como o material será redigido, tudo isso faz parte da apuração.

A apuração requer visita de campo, coleta de dados e interação com os personagens. Por isso, necessita de tempo e dedicação. No misto de técnicas o jornalismo não só bebe da fonte da literatura ao realizar a descrição e narração de fatos, mas também das ciências sociais, como antropologia e sociologia em relação às técnicas de observação. O trabalho etnográfico é uma técnica adotada também nas grandes reportagens.

Procedimentos como a observação direta e o exercício da capacidade de descrição de comportamentos e a reconstrução de acontecimentos, cotidianos ou especiais, que são elementares de um certo modo tanto à literatura como à etnografia, podem ser associados a outros instrumentos de investigação, tais como os diversos tipos de entrevista (GIRARDI, 2000, p. 200).

E no processo de apuração a principal forma de coletar informações é pelo uso de entrevistas, atividade primordial da profissão jornalística, também se incluem no processo observar os cenários das pessoas e do local, identificar as principais problemáticas e discorrer sobre elas além de traduzir os fatos aos leitores.

Para Lage (2008) há quatro tipos de entrevista o primeiro chamado de ritual, a segunda temática, a terceira testemunhal e a última em profundidade, esta que foi utilizada para a elaboração desta reportagem.

d) em profundidade: o objetivo da entrevista, aí, não é um tema particular ou um acontecimento específico, mas a figura do entrevistado, a representação de mundo que ele constrói, uma atividade que desenvolve ou um viés de sua maneira de ser, geralmente relacionada com outros aspectos de sua vida. Procura-se

construir uma novela ou um ensaio sobre o personagem, a partir de seus próprios depoimentos e impressões. (LAGE, 2008, p.75).

Diante do processo de investigação na redação de um produto interpretativo é válido lembrar que não é necessário dar todas as informações rapidamente e como o esperado em registros factuais, mas construir uma narrativa que dê ao leitor o poder de interpretação. Beltrão concorda com a prerrogativa de entregar para o receptor a chance de desvendar o texto. “O jornalismo interpretativo é o objetivismo multiangular da atualidade representado pelos agentes da informação pública para que nós próprios, os receptores, o analisemos, julguemos e possamos agir com acerto” (1976, p.46)

5.1 Diário de bordo

A primeira etapa se deu na tentativa de encontrar as Macabéas da vida real. Em princípio, foi idealizado no processo de apuração que seria necessário no mínimo três personagens e que deveriam ser de faixa etária diferente. Para encontrar o perfil ideal seria necessário estar nos cenários propícios, para isso no início da jornada de apuração focamos em alagoanas, como Macabéa. Para encontrar este recorte tão específico, fui dois dias seguidos para a Rodoviária Interestadual de Brasília em busca de mulheres que estavam indo até Maceió ou chegando de Maceió e que poderiam ter uma história parecida.

No primeiro dia na rodoviária, a aproximação a possíveis personagens ocorreu sem intercorrências, porém não encontrei nenhuma alagoana e, como o próximo ônibus advindo de Maceió chegava muito tarde, resolvi voltar no dia seguinte, mas fui informada que seria necessária autorização para ficar no local onde os ônibus estacionam.

Desta forma, encaminhei e o e-mail para a administração do local e durante uma semana não recebi resposta. Com o prazo apertado não poderia esperar mais, e até a elaboração deste memorial sigo sem respostas da Rodoviária Interestadual de Brasília.

Após as tentativas sem sucesso encontrar as Macabéas no Distrito Federal não parecia mais uma tarefa tão simples. O método agora era ir de encontro a comunidades carentes e abrir as especificações da personagem para uma nordestina.

Foi assim que me lembrei do Alagado da Suzana, uma pequena comunidade localizada entre as regiões administrativas do Gama e Santa Maria que tem uma história muito particular e poderia abrigar uma possível Macabéa.

Entrei em contato com uma ex-moradora do local, Tânia Freitas que me informou ter a personagem perfeita e me levaria até o local, já que não é de fácil acesso para quem não conhece, e até mesmo quem conhece, pois a estrada é escura à noite, devido a falta de iluminação, e não possui asfaltamento. Diante disso, o primeiro encontro aconteceu dia 9 de abril de 2019, em uma noite de muita chuva no Distrito Federal precisamos pegar o caminho mais longo em que o carro não corria risco de atolar. E assim foi para encontrar Maria do Socorro, a senhora de 66 anos que vinda do Maranhão possuía características tão semelhantes a personagem principal de *A Hora da Estrela*.

O primeiro encontro rendeu uma entrevista de mais de 20 minutos, pois Socorro não é muito detalhista, além disso, não gosta de aparecer em fotos, mas ainda sim a convenci. Essa foi uma das dificuldades do processo de apuração, já que pensei em gravar vídeos e mais conteúdos. Socorro é uma personagem um tanto quanto monossilábica, é muito breve e assertiva no que diz, por isso existia a dificuldade de extrair detalhes, o fato de que ela não se lembrava dos acontecimentos minuciosamente também se tornou uma barreira. A encontrei assistindo televisão e com o olhar envergonhado de quem não é acostumado com tanto interesse em sua história. A maranhense que veio tentar a vida no Distrito Federal é corajosa e destemida, mesmo com tantas dificuldades se supera diariamente. Por mais que ela tenha sofrido muito na vida, senti que ela estava animada em conversar, mesmo que não conseguisse colocar em palavras todos os sentimentos, depois de alguns minutos estava muito confortável com a conversa, acho que isso se deu principalmente pela presença da Tânia, amiga de longa data que permaneceu durante todo o processo. Provavelmente pela confiança que a colega lhe passou Socorro não sentia vergonha ao compartilhar a sua história. Comecei a redigir o texto e o material estava tomando forma, ao conversar com o orientador do projeto foi decidido que não seria mais necessário encontrar mais personagens, Socorro era a protagonista perfeita para um perfil.

A comunidade do Alagado da Suzana possui uma história conturbada. Na década de 1970, as terras pertencentes à Companhia Imobiliária de Brasília (Terracap) foram cedidas a Instituição Centro Espacial da Salvação que tinha o

objetivo de promover um abrigo para menores. Por volta de 1990, a instituição foi embora e deixou os moradores permanecerem no espaço. Foi quando a Terracap pediu reintegração de posse ganhando em todas as instâncias, as lideranças reagiram, mas em 2005 os desembargadores responsáveis negaram o recurso dos moradores e mantiveram a decisão do juiz de 1ª instância, estabelecendo o despejo da comunidade. Posteriormente, em 2013 se instaurou uma ação de desocupação da área em que o juiz encarregado deferiu despacho para desocupação voluntária, porém visto que a Terracap ainda não tinha um plano de desocupação os mandados não foram reiterados em vista dos princípios que prezam a dignidade humana e a ampla proteção dos direitos das crianças e jovens, era necessário fornecer uma alternativa razoável a população da área. Em agosto de 2017 o processo foi arquivado devido a um projeto de regularização para a área. Por isso, líderes da comunidade pediram que não publicasse nada sensível relacionado à comunidade, já que poderia ser prejudicial aos moradores, assim decidi que o melhor a se fazer era não trazer muitos detalhes sobre a situação jurídica do local.

A segunda visita foi ainda mais difícil com chuvas fortes, mas aconteceu dia 23 de abril de 2019. Esclareci mais algumas questões com Socorro e conheci o projeto de capoeira da comunidade, o que me permitiu conhecer um pouco mais sobre o local, como surgiu e as pessoas que o ajudam.

Com informações suficientes recolhidas era hora de partir para a escrita, reler a obra de Clarice Lispector para conseguir o maior número de semelhanças entre a personagem ficcional e a real. Foram recolhidos materiais multimídias durante as entrevistas que seriam distribuídos em uma página de website.

Após finalizar a reportagem foi decidido gravar um material mais explicativo sobre a obra de Clarice Lispector. Então, no dia 16 de maio de 2019 foi realizada uma entrevista com a professora Sandra Araújo para elucidar melhor o contexto e principais vertentes do livro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O memorial teve o principal objetivo de evidenciar características do jornalismo interpretativo, bem como da grande reportagem e estabelecer conexões entre a obra de Clarice Lispector “A hora da estrela”. Já o produto final tentou estabelecer uma conexão de transcendência entre o ficcional e o real. É importante ressaltar que o texto final seguiu um padrão não convencional do jornalismo, o que o define como um produto aprofundado.

Para a propagação do material elaborado utilizou-se a ferramenta web, o que permite maior liberdade no processo de criação e impõe menos limites no conteúdo. Durante a apuração e elaboração deste material foram priorizados o compromisso do profissional jornalista. Nilson Lage explica o jornalista como um ser competente e moral para o desafio.

Devem desenvolver uma persona profissional tal que - a despeito de crenças e valores pessoais, compromissos de classe e de cultura - possam registrar os fatos e as ideias do nosso tempo com honestidade, concedendo à fonte o direito de ser como é ao público o direito de escolher de que lado ficar (LAGE, 2008, p.170)

Tal prerrogativa demonstra que o jornalista precisa dar primeiramente atenção aos fatos, mas ao falar do gênero literário é necessário também se emocionar com os relatos ao ponto de criar uma narrativa que tente, ao menos, tratar com verossimilhança às vivências dos personagens. Esta missão se torna ainda mais complexa ao traçar um perfil, já que o interlocutor assume o compromisso de contar a história de uma vida.

Bulhões (2007) afirma que todo texto literário é insubstituível, isso se dá principalmente pela elaboração de um conteúdo fora dos padrões e que exige maior comprometimento e aprofundamento. Assim, os objetivos acerca da grande reportagem produzida foi principalmente criar um conteúdo eternizado e de certa forma insubstituível, uma ode a Macabéa de Clarice Lispector, mas também uma valorização da nordestina simples do Alagado da Suzana, Maria do Socorro.

Segundo Wolfe em seu livro *The New Journalism* o novo jornalismo cria textos menos apáticos e mecânicos. A constante reinvenção da escrita jornalística literária produz no leitor uma sensação diferente de textos factuais. “Histórias com começo, meio e fim: estruturas familiares, temas reconhecíveis, agradáveis por sua

variação; uma canção bem cantada, um conto bem contado, um suspense bem feito.
” (SILVERSTONE, 2002, p. 79)

O jornalismo literário por si só cria infinitas oportunidades tanto quanto para o autor, quanto para o leitor, e com tamanhas possibilidades *A Hora da Estrela* ampliava ainda mais esse cenário. Na bibliografia de Clarice Lispector intitulada de “Clarice” o autor exemplifica a obra sobre Macabéa como um momento digno da ““genialidade insuportável” de sua autora”. A história da alagoana retirante e a escrita única que o livro possui foram norteadores para a elaboração do produto final.

Diante disso para a elaboração do perfil foram consideradas todas as variáveis do personagem ficcional e como isso se exemplificaria na vida real, o texto final estabelece essas conexões e não perde a prerrogativa da junção literária e jornalística. Ao jornalismo, cabe encontrar Macabéas porque elas existem e não possuem espaço de fala, assim como tantos invisibilizados.

REFERÊNCIAS

- BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Interpretativo**: filosofia e técnica. Porto Alegre: Sulina, 1976.
- BOAS, Sérgio Vilas. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003
- BULHÕES, Marcelo Magalhães. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ed. Ática, 2007
- CANAVILHAS, João. **Webjornalismo**: 7 características que marcam a diferença. Portugal: Livros Labcom, 2016.
- CAZÉ, Adriana Oliveira. **Forma Literária e representação social**: um estudo da personagem Macabéa no romance “A hora da estrela” de Clarice Lispector. 2006. Monografia (Graduação em Letras) – Faculdade de Ciências da Educação, Centro Universitário de Brasília UniCEUB, Brasília, 2006.
- COIMBRA, Oswaldo. O texto da reportagem impressa. Um curso sobre sua estrutura. São Paulo: Ática, 2002.
- DIZARD, Wilson. **A Nova Mídia**: a comunicação de massa na era da informação. 2. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- GIRARDI Jr. Liráucio. A reportagem como experiência etnográfica. In: Anuário de jornalismo. São Paulo, Cásper Líbero, p.198-213. 2000.
- LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008
- LEANDRO, Paulo Roberto; MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente (o jornalismo interpretativo)**. São Paulo: Media, 1973.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas**: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 3. ed. São Paulo: Manole, 2004.
- LOBATO, José. Da crônica à grande reportagem, da biografia ao perfil: mapeando contribuições estruturais da literatura ao jornalismo interpretativo. **Alceu**. São Paulo. v.18 - n.36 - p. 142 a 156 - jan-jun./2018.
- MIELNICZUK, Luciana. **Características e implicações do jornalismo na Web**. 2001. Disponível em: https://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2001_mielniczuk_caracteristicasimplicacoes.pdf. Acesso em: 05 jun. 2018.
- MOSER, Benjamin. Clarice, uma biografia. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- NASCIMENTO, Patrícia Ceolin. **Técnicas de redação em jornalismo**: o texto da notícia. São Paulo: Saraiva, 2009.

OLIVEIRA, Manoela Hoffmann. História ou literatura? O caráter épico da biografia. **Língua e Literatura**, São Paulo, nº 30, p. 11-32, 2010-2012

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2013.

RIBEIRO, Betina. **Clarice mulher-escritora jornalista**: múltiplas vozes e uma identidade. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, Passo fundo, v.6, n.1, p.113-122. jan./jun. 2010.

PEREGRINO, Julia, GULLAR, Ferreira. **Clarice Lispector**: A hora da estrela. São Paulo: Museu da Língua Portuguesa, 2007.

SALAVERRÍA, Ramón. **Multimedialidade**: Informar para cinco sentidos. In: CANAVILHAS, João. Webjornalismo: 7 Características que marcam a diferença. Covilhã: Livros LabCom, 2014.

SALAVERRIA, Ramón. **Redacción periodística en Internet**. Pamplona: EUNSA, 2005.

SALES, Esdra Marchezan. Narrativas convergentes: ficção e realidade na prosa de Nelson Rodrigues. **Estudos em Jornalismo e Mídia** - v. 8 n. 2 p.323-338, jul/dez. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/viewFile/1984-6924.2011v8n2p323/20187>. Acesso em: 19 maio 2019.

SILVA, Amanda da. A vida cotidiana no relato humanizado do perfil jornalístico. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 7 Nº 2. p.403. Santa Catarina: UFSC, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2010v7n2p403/14470>. Acesso em: 20 de maio de 2019.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?**. São Paulo: Loyola, 2002.

SOSTER, Demétrio de Azevedo. PICCININ, Fabiana. HAAS, Joel. Garcia, Pedro Piccoli. KANNENBERG, Vanessa. **Jornalismo Diversional e Jornalismo Interpretativo**: Diferenças que Estabelecem Diferenças. 2010. Artigo Científico. Universidade de Santa Cruz do Sul. Santa Cruz do Sul, 2010.

VICCHIATTI, Carlos Alberto. **Jornalismo**: Comunicação, Literatura e Compromisso Social. São Paulo: Paulus, 2005.

VILAS BOAS, Sérgio. **Perfis**: e como escrevê-los. São Paulo: Summus, 2003.

WOLFE, Tom. **Radical chic**: o novo jornalismo. São Paulo. Companhia das Letras. 2005.

ANEXO A - Reportagem

HOME

SOBRE



Maria do Socorro Nunes Leite, 66 anos.

O direito ao grito de Socorro

Rafaela Garcêz

Este é uma reportagem sobre uma Macabéa que atende por Maria do Socorro. A distância entre a ficção do clássico de Clarice Lispector e a não ficção na capital do país é mais de cenários do que de vivências. Uma história de invisibilidade, esperança em meio a desamparos da vida.

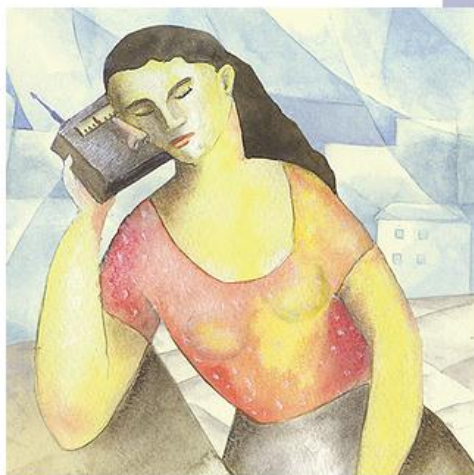


Ilustração Editora Rocco para capa do livro *A Hora da Estrela*

"Assovio no vento escuro"

"Tudo no mundo começou com um sim (...). Enquanto eu tiver perguntas e não houver respostas, continuarei a escrever". Sábia é Clarice Lispector com sua hora da estrela, pelos caminhos de Macabéa, de Maceió para a cidade grande. Macabéas respondem por muitos nomes. Socorro não conhece Macabéa. Mas já conhece quando a vida diz não, mas ela adora mesmo assim. Em Maceió, lar de Macabéa, Maria do Socorro foi acompanhar a patroa. Hoje vive no Alagado da Suzana, onde há mais perguntas do que respostas. Esta é uma comunidade de mais de 40 anos que parece uma ficção e está a 40 km do centro do poder, Brasília. E enquanto eu tiver perguntas, continuarei a escrever.

Alagado da Suzana quase faz jus ao nome. Até o local, o percurso é de estrada “de chão”, mas feito mesmo de lama e persistência. Este caminho era percorrido por Socorro diariamente, ela levava uma hora de ida e uma hora de volta, a pé, até chegar ao trabalho. Em momentos de chuva o percurso piora, para chegar ou sair do local, é necessário ir bem devagar com o risco do carro ou mesmo do ônibus atolar. A visitei pela primeira vez em abril de 2019, logo quando as chuvas quase não deram descanso. À noite, a única luz que se pode ver são a dos raios, anunciando que mais água está por vir.

Clarice diria: “Ela me acusa e o meio de me defender é escrever sobre ela”. E eu a entendo. Encontrar Macabea é a minha defesa. Eu a encontrei. Maria do Socorro Nunes Leite tem 66 anos. Aos 27, saiu de Alto Parnaíba, município no interior do Maranhão com população de quase 11 mil pessoas. Dez vezes menor do que o Gama, região administrativa no Distrito Federal.

A história de A Hora da Estrela



“História lacrimogênica de cordel”

Sem nada nas mãos, mas com o desejo de encontrar uma vida melhor, ela saiu do interior para a capital do estado do Maranhão. Foi tamanha a coragem que não sabia nem onde iria ficar ao chegar em São Luís. Porém, depois de ter tomado a decisão, não voltaria mais atrás.

Por isso, viveu debaixo de uma árvore durante três dias até achar local para se estabelecer, já que ainda não tinha recebido nada do emprego que conseguiu na prefeitura local. Se você pensa que Socorro reclamou de frio ou calor, vai se surpreender. Para ela, foi um “aprendizado”, “Esse momento que passei debaixo da árvore foi e é muito bom, eu aprendi a viver né. Dar valor a vida”, falou. As semelhanças começam aqui. A vida pode seguir as palavras de Clarice.

*“Ninguém olhava para ela na rua, ela
era café frio” - A Hora da Estrela*

E só após alguns dias na rua por si só, as tias de Socorro, que moravam em São Luís, se reuniram e arranjaram uma casinha que seria paga aos poucos e a chamaram para ajudar.

“T”

“Tempos depois”, as parentas foram embora, venderam a casa e não disseram nada a Socorro que já estava distante. Ao saber disso, ela entrou em contato com as tias para saber do proceder da venda do imóvel, mas ao atender o telefone uma das tias reconhece a voz da sobrinha e desliga o telefone sem pensar duas vezes. Nem a família lhe queria por perto ou lhe daria o que tinha por direito, mas ela não se deixou abalar por isso. “Deus já me deu muita coisa boa. Não tenho moradia mas tenho a minha vida”, relatou.

“O direito ao grito”

Que o passado fique onde pertence. Maria do Socorro precisava de outro sustento e conseguiu emprego em uma casa no Maranhão como empregada e depois de um tempo, por indicação, veio parar na capital do país. Em 1980, ela aceitou o desafio de tentar a vida em um novo lar. Em Brasília, ela continuava como auxiliar doméstica, mas agora tinha mais oportunidades do que antes.

Na prática, as coisas foram um pouco diferentes, ao embarcar em um novo desafio ela não imaginava que teria uma de suas maiores chateações. Chateação não é palavra que ela repita muito. Como Macabéa, ela não gosta de reclamar.

Socorro é mulher sonhadora e pensava em conseguir a vida do lado do poder (Macabéa chamaria de luxo). O Distrito Federal se tornou o cenário que a permitiria conseguir seus objetivos. Ela que hoje é avó de duas crianças depositou a confiança na nova “patroa” que prometia vida boa.

Socorro interpretava muito além do papel de empregada doméstica e foi, por isso, que acompanhou a chefe até o estado de Alagoas (terra de Macabea). Só que nessa narrativa não tem ficção. Lá, ela diz ter sido friamente humilhada. “(A patroa) dizia que eu não tinha direito de nada. Que eu era apenas uma empregada, que ia me mandar embora pra minha terra de volta. Ai eu falei: ‘se for pra me mandar me manda, que eu estou disposta a ir agora, assim como eu vim eu volto’”. Mesmo com o restante da família com quem trabalhou insistindo para que Socorro ficasse, ela não poderia mais permanecer ali. “A gente já é pobre e ainda sendo humilhada, aí acaba de arruinar né? Eu nunca gostei que ninguém me humilhasse, por isso que eu larguei e dei um ponto final”, desabafou.

“Uma sensação de perda”

Ao menos durante quatro anos de tempos difíceis em Maceió, ela pôde conhecer aquele que a ajudaria a constituir a tão sonhada família.

Se em “A hora da Estrela”, de Clarice Lispector, Macabéa conheceu o amor de sua vida, Olímpio, e logo após o teve roubado por uma amiga, na vida real Socorro seguiu o caminho contrário.

A maranhense que agora residia em Alagoas conheceu o futuro marido quando ele ainda namorava uma de suas amigas, mas até então eram somente colegas. Foi quando a amiga de Socorro mudou para Ponta Grossa no Paraná que ela resolveu dar uma chance para aquele que chamara sua atenção.



Socorro e o neto

E em Maceió mesmo após encontrar o amor que nem ela mesma esperava, o sofrimento ainda continuava no ambiente de trabalho. Pois assim, a mulher determinada de sangue nordestino que nunca negou suas raízes, não aceitava desaforo nem precisava. Embarcou em um avião de volta para a Brasília e não se arrepende disso. Aliás, uma das raras lamentações foi ter deixado em Maceió o homem que seria o futuro pai de seus filhos.

“Mas ela já o amava tanto que não sabia mais como se livrar dele, estava em desespero de amor” - A Hora da Estrela

Por achar que amava tanto, depois de seis meses sozinha, Socorro pediu para que o amor dela também saísse de Maceió, disse que o queria perto. Ele que à primeira vista parecia compreendê-la como ninguém foi capaz de criar mais uma rachadura no coração da nordestina. Desiludida com o parceiro que a traiu, como Macabéa, Socorro não queria mais sofrer. No Alagado da alma, terminou o relacionamento e, por ter um coração tão bom, deixou que o ex parceiro morasse na mesma casa com ela e os filhos. “Eu me separei dele tem 23 anos. Ele mora aqui, mas não falo nada. Graças a Deus, não falo nada. Separei dele porque ele é mulherengo. É difícil de não ter homem mulherengo hoje em dia”, lamentou.

“Eu não sei nem responder o que é amor. Faz tanto tempo que a gente não sabe o que que é que até esquece”, contou Socorro, hoje o único amor que possui é a família, constituída de dois filhos uma mulher de 23 anos e um rapaz de 32.

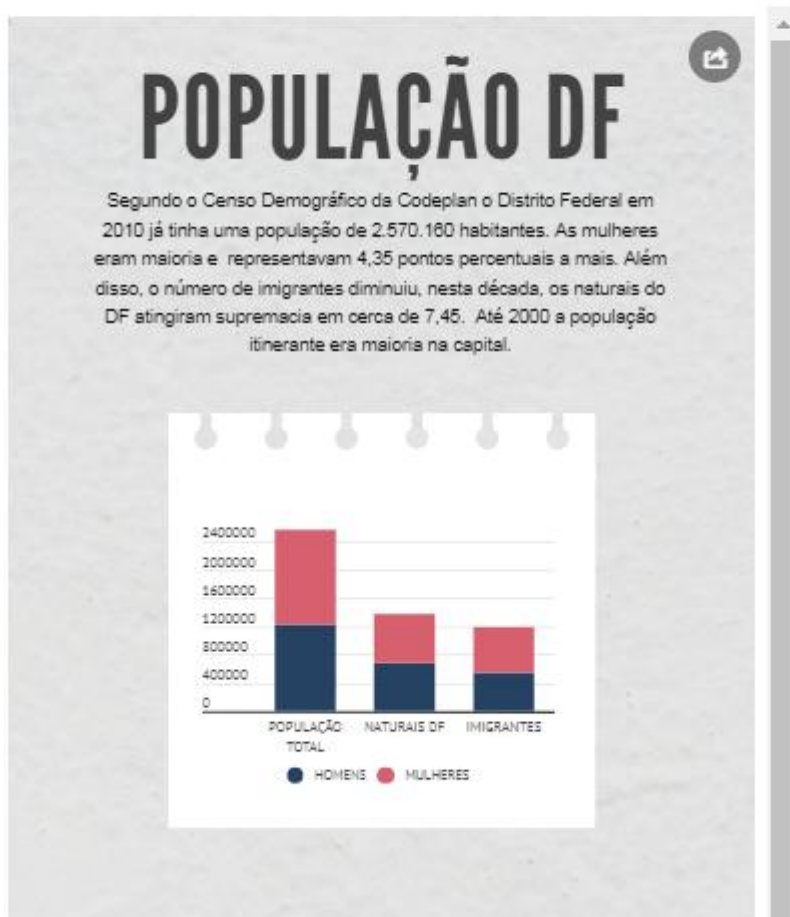
“Mas a sua voz era crua e tão desafinada como ela mesmo era.” Clarice escolhe a palavra crua para descrever Macabéa, Socorro também a escolhe para descrever a si mesma. “As pessoas que eu mais amo são meus filhos. Eu sou crua, nunca ameie ninguém”, desabafa quando é questionada sobre os amores da vida.

“Ela que se arranje”

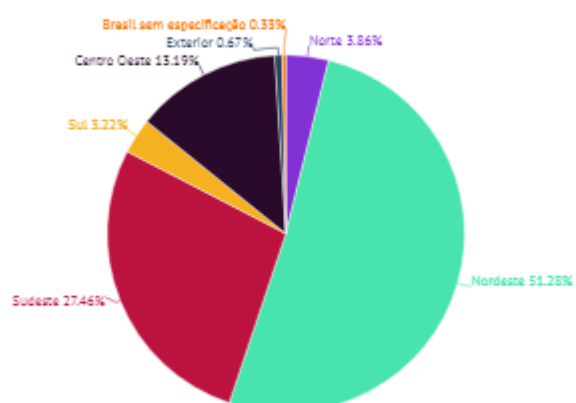
Já em Brasília, ela encontrou oportunidades de trabalho como doméstica e nunca deixou de batalhar. Passou por diversas casas e coleciona experiências, hoje não pode mais fazer esforço físico, pois foi diagnosticada com reumatismo no braço. Ela espera pela consulta com um especialista na rede pública há mais de um ano. “Já passei coisa amargosa, doce, azeda, mas estou vivendo e adoro viver. Adoro minha vida como ela é”, respondeu Socorro, que não sabe o que é reclamar. “E acontece que não tinha consciência de si e não reclamava nada, até pensava que era feliz. Não se tratava de uma idiota mas tinha a felicidade pura dos idiotas”

“Só então vestia-se de si mesma, passava o resto do dia representando com obediência o papel de ser”, entusiasmava-se Clarice sobre Macabéa. “Eu já trabalhei tanto na minha vida, parei agora porque não tô aguentando”, disse Macabéa da vida real. Devido às complicações de saúde Socorro depende dos filhos para sobreviver

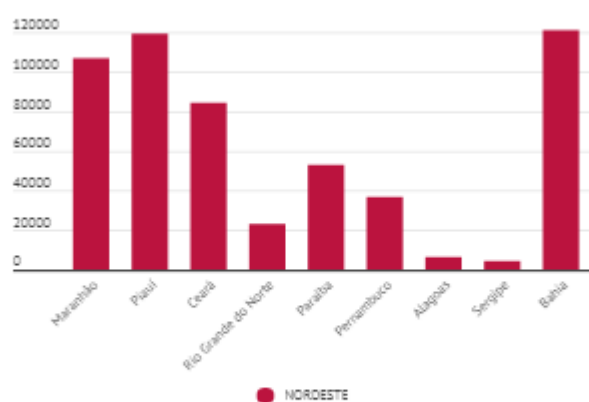
Mas mesmo com as dificuldades financeiras, problemas de saúde ela promete que o passado a ensinou. “E mesmo tristeza também era coisa de rico, era para quem podia pagar para quem não tinha o que fazer. Tristeza era luxo” afirmou Clarice Lispector e de fato Socorro vive essa realidade. “Eu não me esmoreço com qualquer coisa não. Às vezes a gente fica triste, mas eu não me chateio com essas coisas não, adoro a vida”, contou-me entre gargalhadas.



IMIGRANTES POR REGIÃO NO DF



IMIGRANTES DE ESTADOS NORDESTINOS NO DF



Fonte: IBGE - Censos Demográficos - 2000 - 2010. Dados elaborados pela Codeplan/DIEPS/GESEC/NEP

Share

made with infogram

“Eu não posso fazer nada”

Socorro hoje em dia vive em uma verdadeira corda bamba já que não possui a certeza de moradia. Ela morava de aluguel na região administrativa do Gama – DF e estava prestes a ser despejada quando foi socorrida por Gilberto Kopp, antigo dono do Clube Califórnia, localizado nas aproximações da comunidade do Alagado da Suzana, que a providenciou residência no local.

Ao conseguir uma pequena casinha para Socorro, Gilberto questionou se ela tinha medo por se tratar de uma propriedade de uma instituição espírita, ela disse que não e que tudo que precisava era de um lugar para ficar. As divindades não lhe são estranhas, Socorro se considera católica, vive em ambiente espírita e visita igrejas evangélicas ela está onde lhe cabe. Mas ainda compartilha do mesmo sonho, a moradia própria.

“Lamento de um blue”

Todos os dias, no Alagado da Suzana, Socorro acorda de novo com dores no braço. Ela espera a aposentadoria há um ano e meio. **“Ela não sabe gritar”?** Sabe sim, Já procurou o Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) que com suas respostas burocráticas não dá esperança para Socorro. “Dei entrada na aposentadoria em maio, aí mandou aguardar. A minha menina ligou lá e falou que está em análise. Que análise é essa?” indigna-se.

Quem ajuda a manter a casa são os dois filhos, ela retribui como pode, neste caso cuidando dos netos. Bem que a nordestina não queria depender de ninguém, aliás, sempre foi dona de si, agora está impossibilitada e à mercê de uma decisão do órgão.

"A culpa é minha"

*"Chorava, assoava o nariz sem saber mais por que chorava.
Não chorava por causa da vida que levava: porque, não tendo
conhecido outros modos de viver, aceitara que com ela era
"assim". - A Hora da Estrela*

É verdade que reclamar não é um ato usual na vida de Socorro, o que não retira a possibilidade de tristeza. "Eu fui pra igreja domingo e chorei tanto mas tanto. Estava lá mas ninguém percebeu que eu estava chorando. Eu tava numa emoção por dentro e eu não sei o porquê" contou a maranhense.

"E achava bom ficar triste. Não desesperada, pois isso nunca ficara já que era tão modesta e simples, mas aquela coisa indefinível como se ela fosse romântica." verdades sobre Macabéa que pairam também sobre Socorro e milhares que não possuem tempo para perceber o sofrer.



Maria da Socorro ao chegar na capital brasileira

“Quanto ao futuro”

Socorro revela que ama as coisas pequenas da vida, entre elas ir ao cinema. “É bom demais, se eu pudesse todo dia estava no cinema”, esta é só mais uma semelhança entre Macabéa

“E tinha um luxo, além de uma vez por mês ir ao cinema: pintava de vermelho grosseiramente escarlate as unhas das mãos.” - A Hora da Estrela

Diante de tudo que sofreu, as gargalhadas altas da maranhense ecoam por onde passa e ela conta que, se pudesse, estaria a viajar o Brasil. Quando questionada se faria viagens internacionais ela solta logo o “Eu não, não falo inglês”. Mas de resto, iria para diversos destinos. “Se me desse uma passagem pra qualquer lugar eu falava, vamos embora”, sorri.

O espírito de Socorro é livre mesmo sendo privado por tanto tempo. Ela não tem medo de quase nada, muito menos andar de avião “Medo mesmo não tenho não, mas eu vim de lá até aqui chorando por causa dele”, relembra a história de amor que viveu e foi necessário ficar distante do namorado.

Socorro não tem receio de aprender. Ela foi alfabetizada a partir do Programa DF Alfabetizado, em 2014, e se destacou como “aluna exemplar”. Ela quer ensinar outras pessoas. “Aprendo para ensinar”.

Todas essas características tão singulares a transformam na mulher que não desiste e vê beleza na vida. Ainda que as oportunidades não lhe encontrem frequentemente ela aprendeu a ser forte o bastante a ponto de não desistir.

Clarice Lispector disse que o “livro era um silêncio”, que a obra era “uma pergunta”. Um silêncio ensurdecedor. A reportagem é mais um grito, uma chance de resposta.

**** Clarice Lispector explicitou que poderia ter escolhido outros títulos para a obra, incluindo “Direito ao Grito”, “A culpa é minha”, “Ela que se arranje”, “Quanto ao futuro”, “Lamento de um blue”, “Ela não sabe gritar”, “Uma sensação de perda”, “Uma sensação de perda”, “Assovia no vento escuro”, “Eu não posso fazer nada”, “Registro dos fatos antecedentes”, e “História lacrimogênica de cordel”. Esta reportagem é uma homenagem à escritora nascida em 1920 e que morreu em dezembro de 1977, às Macabéas e às Socorros do Brasil.

O DIREITO AO
GRITO DE SOCORRO
Rafaela Garcêz